

O ENCOBRIMENTO DAS ATIVIDADES ILEGAIS NO “TRÁFICO DA PISTA”¹

Carolina Christoph Grillo

Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

Esse artigo desenvolve um dos temas tratados no estudo de caso desenvolvido sobre o tráfico de drogas praticado por traficantes jovens de classe média do Rio de Janeiro, o chamado tráfico da “pista” ou do “asfalto”, no qual, através de entrevistas informais e da observação participante, procurei descrever a dinâmica interna dessa modalidade do envolvimento com esse mercado ilegal. Constatada a ausência da posse de armas por parte dos traficantes e da recusa ao uso da violência, mesmo na cobrança de débitos, o objeto de estudo foi delimitado pela sociabilidade específica que particulariza as redes desse comércio e foram descritas as circunstâncias diferenciais sob as quais elas operam e que favorecem a manutenção de uma sociabilidade “normalizada”.

Em se tratando de traficantes-usuários jovens de classe média que compram e vendem drogas ilícitas no seu próprio círculo de amizades, constituindo complexas redes relacionais, e que não territorializam a operação dos seus empreendimentos, desenvolve-se uma contradição entre a necessidade de expandir os contatos e a demanda pela discrição em torno das atividades ilegais, de modo a garantir alguma segurança e evitar as sanções previstas em lei. No presente trabalho é aprofundada a compreensão das estratégias de encobrimento empregadas, para lidar com o problema da clandestinidade e é explorada a sua relação com o repúdio às práticas violentas.

Palavras-chave: tráfico de drogas, classe média, clandestinidade.

INTRODUÇÃO

No presente artigo, desenvolvo apenas um dos temas abordados na minha dissertação de mestrado intitulada “Fazendo o Doze na Pista: Um estudo de caso do mercado ilegal de drogas na classe média”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/IFCS/UFRJ). Nesta, apresento os resultados de uma pesquisa de campo etnográfica realizada junto a uma rede

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

social de traficantes de drogas do Rio de Janeiro, oriundos de famílias de classe média e, na sua maioria, pertencentes a uma faixa etária entre os vinte e os trinta e cinco anos de idade.

Durante a pesquisa, tive a oportunidade de perceber que, apesar do caráter ilegal dos empreendimentos, não havia uma “cultura de violência” no meio estudado, sendo o uso da força evitado e condenado em questões relativas ao tráfico. Procurei identificar, nas circunstâncias sob as quais essas redes funcionam, as explicações para a manutenção dos modos de sociabilidade normalizados nas interações entre os próprios traficantes e deles com os demais. Engajei-me, portanto, na compreensão das formas de operação desse tráfico, atentando-me para as relações desenvolvidas com os territórios e para os modelos de organização e hierarquia assumidos na configuração dessas redes.

A partir de casos colhidos no discurso ou na observação das práticas foi possível desenvolver algumas questões próprias à comercialização de drogas nessa modalidade do tráfico, descrevendo-a através da lógica presente nesse mercado. Dentre essas questões encontra-se o problema da clandestinidade, o qual será aprofundado neste trabalho. Analiso as estratégias através das quais eles lidam com a necessidade de encobrir as suas práticas ilícitas, o que influi tanto nas formas de interação para o tráfico quanto na maneira de se relacionar com o resto do mundo.

I.O TRÁFICO NA PISTA

Para a realização da pesquisa, foi utilizada a categoria de acusação “traficante”, levando em conta uma classificação penal, mesmo que a maioria dos indivíduos pesquisados não tenham passado por processos legais de incriminação ou que sequer sejam assim acusados pelas demais pessoas com as quais se relacionam. No entanto, o uso dessa categoria se justifica pelo possível enquadramento das práticas desses atores no que constitui o crime de tráfico de entorpecentes e pela ampla consciência que eles têm de que devem encobrir suas atividades para não sofrerem as sanções prescritas em lei. Como resposta às críticas ao seu conceito de “desviante secreto”, em virtude da ausência da acusação para que se possa falar em “desvio”, o próprio Becker (1991) concluiu que:

...o desvio secreto consiste em estar vulnerável aos procedimentos comumente usados para descobrir os desvios de um tipo particular e em estar numa posição na qual será fácil fazer a definição proceder² (Becker, 1991).

² Tradução da autora

O recorte empregado também demanda por alguns esclarecimentos. Utilizo “classe média” como categoria nativa, de maneira a abranger sob essa definição, os diversos estratos sociais que se auto-intitulam enquanto tal. Já para facilitar a compreensão do que tomo por “jovens” de “em média” vinte a trinta e cinco anos de idade, exemplifico com a maneira como Eugênio (2006) definiu a “faixa-etária” dos freqüentadores da “cena carioca” a qual estudou:

“Aderir a um estilo de vida jovem” é o que permite, também, para a cena como um todo, a convivência como “iguais” a sujeitos pertencentes a pelo menos duas gerações, resultando em um conjunto que recobre uma ampla faixa etária, impossível de ser concebido como “grupo de idade” (Eugênio, 2006).

Ou seja, os recortes etário e de classe não são eficientes para demarcar o que pode ser compreendido nessa modalidade do tráfico praticada principalmente, mas não exclusivamente, por jovens de classe média. Também não cabe um recorte baseado no tipo de droga vendida³, pois, nas redes estudadas, é comercializada uma ampla variedade delas e nem mesmo o recorte entre o atacado e o varejo pode ser aplicado, pois ambas as práticas encontram-se misturadas.

Para delimitar essa modalidade do mercado ilegal de drogas enquanto um objeto em particular a ser estudado, foi necessário estabelecer relações de semelhança e diferença, concorrência e cooperação com as demais modalidades praticadas nesse mercado ilegal, privilegiando a comparação com o tráfico operante nas favelas, por ser um campo de estudos consolidado, além de guardar uma série de relações e possíveis comparações com o chamado tráfico “da pista” ou “do asfalto”.

Procurei compreender o funcionamento dessa modalidade do tráfico articulada em redes relacionais fundadas na amizade e cuja operação não é territorializada, mas pulverizada, sem que existam pontos de venda reconhecíveis. Trata-se de uma investigação da organização de um mercado ilegal de entorpecentes, no qual não se observa uma estrutura de “crime organizado”. Empreendedores individuais associam-se, mas não compõem grupos com diferenciação funcional interna e nem devem respeito a uma hierarquia de mando. A pesquisa realizada refere-se, assim, ao estudo de uma **sociabilidade** específica em torno do tráfico de drogas, que se distingue de todas as demais formas de interação observadas no conjunto mais amplo desse mercado.

³ Há uma predominância da comercialização da maconha, haxixe, skank e de drogas sintéticas, principalmente ecstasy e LSD, no entanto, vende-se também, em menor escala, a cocaína e alguns solventes. Dentre os pesquisados, ninguém vendia GHB ou ketamina, apesar de serem estas, drogas comumente comercializadas entre jovens de classe média.

O tráfico “da pista” reúne indivíduos oriundos de esferas de significação distintas e que não se orientam por um sistema de referências comum a não ser no que diz respeito às suas práticas comerciais. Eles freqüentam lugares diferentes, não compartilham dos mesmos gostos, origem social, nível educacional ou posturas políticas e ainda assim podemos observar um sistema de crenças e valores que orientam as condutas relativas a esse mercado ilegal. A outra possibilidade mais próxima de agrupar esses traficantes em um mesmo espaço social onde possa haver algum sistema simbólico compartilhado é falar em juventude urbana ou carioca (mesmo que o universo da análise também incluía Niterói) de classe média (na sua definição mais abrangente).

Não há uma sobreposição precisa entre tráfico de drogas e festas rave, tal como a mídia sugere, nem com qualquer movimento cultural específico. As redes desse comércio se articulam atravessando as fronteiras do eletrônico, forró, reggae, boates, posto nove ou dez, Itacoatiara, academias de ginástica, escolas, universidades, galeras de condomínio ou de rua, etc. Uma vez que os jovens transitam por diferentes espaços de socialização, também transitam os traficantes de classe média, formando contatos variados para a obtenção das mercadorias e comercializando-as entre amigos e conhecidos com os quais se relacionam em quaisquer desses espaços.

Em sua etnografia dos festivais de música eletrônica, Coutinho (2005) ressalta o papel das drogas psicoativas na obtenção de um êxtase coletivo e menciona o desenvolvimento de um mercado internacional de drogas viabilizado pela atuação de comerciantes-participantes que estabelecem conexões entre esse comércio internacional e os freqüentadores dos festivais. Apesar do tráfico praticado por jovens de classe média se estender para outros contextos que não o dos festivais ou das raves, é necessário elucidar a relação da proliferação desses eventos com a aparente expansão dessas redes cujo fluxo comercial está em boa parte associado às drogas que atendem à demanda de consumo produzida nesses contextos.

Tendo em vista que a juventude de classe média representa o principal mercado consumidor para as drogas ilegalmente comercializadas, a adesão desses jovens a tais práticas comerciais é um desdobramento coerente com essas circunstâncias. Certamente, é preferível ao usuário comprar drogas com seus próprios amigos, acionando redes de relação, do que expor-se, procurando pontos de venda reconhecíveis e, portanto, perigosos, em vista dos riscos que essa visibilidade proporciona.⁴ O traficante de classe média, portanto, opera em grande vantagem com relação ao que se estabelece nas favelas da cidade.

⁴ A visibilidade do “movimento”, isto é, do varejo de drogas operante nas favelas do Rio de Janeiro, o submete às disputas por território entre grupos do tráfico e o coloca na mira da polícia, que cobra o “arrego” para

Complexas redes conectam jovens de todas as partes e de todos os gostos em torno da distribuição e consumo de drogas e a possibilidade dessa integração se dá através de uma sociabilidade específica característica desse mercado ilegal, cuja forma é preciso assimilar para poder se inserir nesses arranjos relacionais. Tomando por referência o Rio de Janeiro e Niterói e acionando uma rede social a partir de um informante principal, penetrei nessas redes para compreender essa maneira de se relacionar que organiza os contatos de compra e venda tanto no varejo quanto no atacado e demarca as possibilidades de interação, apreendendo no discurso e na observação das práticas, os sistemas de referências que orientam as atividades do tráfico de drogas entre os jovens de classe média.

II.O PROBLEMA DA CLANDESTINIDADE

Os traficantes de classe média encontram, no seu próprio círculo de amigos e conhecidos, os clientes para quem comercializam drogas tanto para o consumo quanto para a revenda. É através das relações de amizade que se articulam os contatos que viabilizam a circulação desse mercado configurando redes complexas e interconectadas. Mesmo quando o objetivo da relação é estritamente comercial, força-se alguma amizade, de modo que as partes se conheçam melhor, uma vez que eles procuram sempre vender “só para os camaradas”.

Tal característica dessa modalidade de tráfico permite o funcionamento de uma rede pulverizada, sem que seja preciso estabelecer pontos comerciais reconhecíveis e, portanto, não se produz uma necessidade imediata de defesa armada, não havendo um território em jogo. Surgem novas territorialidades a serem exploradas, envolvendo desde os espaços onde ocorrem as negociações como a internet, telefonemas, lugares públicos, academias de ginástica, universidades e residências particulares, até a noção de clientela, que demarca “áreas” relacionais (não espaciais) fluidas para a atuação dos traficantes, implicando na existência de uma espécie de diplomacia entre eles.

A “invisibilidade” dessas redes só é possível mediante o:

...desenvolvimento de complexos sistemas de reconhecimento para garantir alguma segurança de maneira a compor um mapa de classificação das pessoas e lugares, permitindo uma certa flexibilização de reações e comportamentos (Velho, 1998).

não invadir em combate armado e nem “sufocar” os consumidores. A necessidade de se estabelecer pontos de venda reconhecíveis está intimamente relacionada à demanda pelo armamento pesado empregado na defesa da área de atuação.

Em contraste com a postura de enfrentamento e/ou suborno das autoridades, assumida pelos traficantes das favelas na sua relação com a polícia, os traficantes “da pista” encobrem as suas atividades e só recorrem ao suborno após “rodarem”, isto é, serem pegos com flagrante ou provas obtidas em escutas telefônicas, durante prolongadas investigações policiais, normalmente iniciadas a partir de denúncias. Os transgressores estudados privilegiam-se do disfarce que o pertencimento à classe média lhes proporciona e lhes é reservada a possibilidade de controlar a informação social oferecida sobre si mesmo e de ocultar o seu estigma (Goffman, 1988).

Ao contrário dos traficantes pobres que sofrem os processos da “sujeição criminal” (Misse, 1999), isto é, da incriminação preventiva dos tipos sociais vistos como potencialmente criminosos e da subjetivação de uma identidade criminosa irreversível (Misse, 1999), os traficantes “da pista” são indistinguíveis dos demais jovens de sua classe e nem mesmo incorporam uma identidade de “bandido”. Seu engajamento em práticas ilícitas não representa uma descontinuidade em relação à sua auto-percepção anterior a tal envolvimento.

Os traficantes de drogas estudados são, na sua maioria, indivíduos “descolados”⁵ que transitam pelos diversos espaços simbólicos que compõem o chamado “mundo jovem” assumindo um papel mediador entre os sistemas de referências concorrentes. Quanto mais ecléticos forem os seus “contatos”, maior será o sucesso de suas práticas comerciais, pois essa “profissão” consiste justamente em “fazer a ponte” entre pessoas que não se conhecem ou que pelo menos não se relacionam. Dessa maneira, as redes de relações que se configuram no mercado ilegal de drogas atravessam as mais diferentes esferas de sentido e desenvolvem um código comum em torno da negociação dessas mercadorias.

No entanto, coloca-se uma importante contradição a ser aprofundada, posto que os traficantes devem ampliar as suas redes relacionais para a comercialização das drogas, lucrando com a sua popularidade, mas por outro lado, eles precisam restringir seus contatos para minimizarem o risco de serem descobertos. Eles manipulam tal contradição entre a necessidade de encobrir suas práticas ilícitas, restringindo a rede de indivíduos com os quais se relacionam comercialmente e a vantagem de expandir essas redes, beneficiando-se com a diversificação de contatos para compra e venda de mercadorias.

⁵ Gíria popular para designar pessoas extrovertidas, capazes de improvisar e hábeis nas interações sociais diversas. O seu oposto seriam as pessoas “agarradas”.

Em respeito às normas de segurança dessa modalidade do tráfico, não se pode colocar um amigo “na fita”⁶ de um traficante, a não ser que este seja antes consultado e esteja de acordo. Assim, o jovem interessado em “adiantar” (ajudar) seus amigos que queiram adquirir drogas, não pode oferecer o contato de seu fornecedor e deve ele mesmo comprar em maior quantidade e repassar aos amigos.⁷ Este é o mecanismo pelo qual as redes se ampliam sem expor demais os traficantes e é também o primeiro passo no envolvimento de um indivíduo na prática do tráfico.

Para colocar alguém “na fita” de um traficante, é preciso apresentá-los primeiro como amigos para que futuramente eles possam estabelecer relações comerciais entre si, pois todos eles preocupam-se em “vender só para camaradas”. Os traficantes podem até comercializar drogas com pessoas que acabaram de conhecer, desde que estas pareçam ser “tranquilas” e respeitem cada passo do desenvolvimento de uma relação de confiança. Mesmo uma pessoa conhecida não pode “chegar perguntando” sobre drogas. Este é um assunto delicado que deve surgir no meio da conversa, como que por acaso. Além disso, traficantes com maior status nas redes do tráfico evitam vender no varejo e muito menos em lugares visados como, por exemplo, as festas rave. Mesmo que se abram algumas raras exceções, estas não se estendem, por exemplo, ao fornecimento do número de telefone de um traficante a um interessado em comprar drogas. Não se vende tais mercadorias para qualquer um e nem em qualquer lugar.

A passagem de usuário a vendedor, na rede estudada, não envolve uma decisão interna que represente algum marco numa trajetória, mas uma transição gradual, na qual aos poucos o jovem de classe média vai se envolvendo com a comercialização das mercadorias que ele mesmo consome. Trata-se de uma sucessão de posições tomadas em um dado repertório de escolhas possíveis, coerentes com algumas das orientações concorrentes no contexto cultural da juventude urbana de classe média no Rio de Janeiro.

Conforme assinalado anteriormente, essas redes de distribuição de drogas configuram-se através de relações de amizade que organizam os contatos para a compra e venda das mesmas. Segundo as regras observadas para a manutenção de alguma segurança para o traficante em face às agências de controle do estado, procura-se negociar apenas com amigos e conhecidos cujas referências são confiáveis e não se permite ao cliente apresentar o seu contato a outros clientes em potencial. É comum que os jovens que se encontrem melhor

⁶ Em contato com.

⁷ “As vendas eram, na verdade, uma ajuda aos colegas que não tinham um “bom contato” para comprar drogas” (O Globo, terça-feira, 13/11/2007, 2ª edição)

inseridos nas redes de contato para a obtenção de drogas, comprem quantidades superiores àquela que pretendem consumir, visando o consumo dos seus próprios amigos.

Enquanto passava as suas férias em Itaúnas (ES), Júlia conheceu Rodrigo, morador da Barra da Tijuca, que “ficava” com uma de suas amigas. Após comprar um “ácido” (LSD) com ele, alguns amigos pediram-na que os “colocassem nessa fita”, mas ciente de que não poderia simplesmente apresentá-los a Rodrigo, ela voltou em sua casa e comprou mais sete “doces”, os quais repassou aos amigos.

Essa operação seria legalmente enquadrada como tráfico de entorpecentes, apesar de não representar para o seu ator qualquer vinculação com uma identidade criminosa. Somente a reincidência progressiva desse tipo de transação, associada à imputação do lucro sobre a mercadoria repassada aos amigos, é que arremessa o indivíduo para o lado do comerciante e não mais apenas do consumidor. Ainda assim, permanece a negação de uma identidade criminosa enquanto próxima à categoria “bandido”, porém assume-se o envolvimento profissional com o tráfico de drogas, aceitando-se os riscos próprios a esse meio aquisitivo.

Alguns dos principais indicadores do êxito de um traficante na hierarquia de status desse mercado ilegal remetem à manutenção de práticas comerciais mais seguras, evitando problemas com a polícia e a justiça. Dentre elas, foi destacada a necessidade de se **limitar os contatos** à medida da ascensão na pirâmide dos fluxos de mercadoria e prestígio. Recomenda-se restringir progressivamente os seus clientes a outros atacadistas, de maneira a evitar problemas com a polícia.

Um exemplo disso é Cazé, o qual conheci a passeio no Sana (distrito da região serrana de Macaé) e, se não me dissessem, eu jamais teria imaginado que ele era o tal Cazé, “o patrão”, pois sua postura era de humildade e eu não pude observar em sua conduta, nenhuma forma de ostentação. Percebi que ele era “camarada” de outros traficantes com quem simplesmente não mantinha relações comerciais. Depois disso eu não o encontrei novamente, mas sempre fiquei a par do que os outros falavam de sua vida e diziam que nem ele, nem o seu “parceiro”, Thiago, apareciam mais em lugar algum, pois haviam “crescido” tanto que não podiam mais “ficar dando as caras por aí na noitada”. Eles tinham atingido um patamar diferenciado, tornando-se distribuidores diretos de grandes atacadistas “lá da Barra” que “fechavam caminhão” e passaram a ter que restringir demais os contatos para venda e a precisar ser muito discretos.

As vendas no varejo, por sua vez, exigem o envolvimento com um número muito extenso de clientes para que se possa lucrar com esse comércio, no entanto, os traficantes exclusivamente varejistas não despertam tanto a atenção das investigações policiais, a não ser

que “se explanem” demais. Os traficantes mais visados são aqueles que movimentam quantidades maiores, porém são justamente os mais difíceis de serem descobertos, pois restringem o seu círculo de relacionamento comercial. O perigo reside na insistência em conjugar a prática do atacado com a do varejo, praticada por uma grande parte dos traficantes, expondo demais os indivíduos bem relacionados e de intenso fluxo de giro, os quais muito interessam às autoridades.

Cadú contou que estava no apartamento de Dodô, em Copacabana, quando policiais civis invadiram e prenderam este último. Durante a operação, um dos policiais pegou uma pedra de 50g de maconha, mostrou-lhe e disse:

“Tá vendo isso aqui? É vendendo isso que vocês são pegos. Se venderem só o quilo, fica muito mais difícil chegar até vocês”

III. NORMAS DE SEGURANÇA

Uma prescrição essencial à manutenção da clandestinidade das atividades criminosas é o cuidado com todos os meios de comunicação. A violação dessa regra é a principal fonte de informação para as agências de controle e de obtenção de provas para o indiciamento dos presos acusados. O único veículo seguro para se “falar as paradas” é o face a face e que ainda assim incorre ao risco de encadear uma rede de fofocas, caso não se escolha adequadamente as pessoas com quem se “fala as coisas”.

Existem algumas prescrições compartilhadas entre os traficantes quanto às pessoas com quem devem ou não se associar e é reconhecida a necessidade de se excluir das redes de relação aquelas que não assimilam as normas desse mercado e comportam-se de maneira inadequada. “Falar demais” é um dos comportamentos mais evitados, pois multiplica as chances reais de ser descoberto pela polícia, porém os traficantes tendem a comentar além do necessário e acabam com o “nome na pista” (famosos).

A celebridade que o envolvimento com o tráfico de drogas pode acarretar é até certo ponto desejável pelos traficantes, pois lhes confere um status diferenciado entre seus pares, freqüentadores dos mesmos ambientes de socialização e pertencentes às redes de relacionamento nas quais estão inseridos. Entretanto, é reconhecida a necessidade de não “se explicar”, isto é, tornar público o conhecimento sobre as suas atividades ilícitas.

Bernardo movimentava grandes quantidades de maconha e drogas sintéticas e vinha guardando seu “flagrante” na casa de Gilsinho que também transportava as drogas em seu carro, até mesmo de um estado para outro. Ainda

assim, os amigos de Bernardo diziam que ele era maluco de “fechar” com Gilsinho por que este gostava de “tirar onda” e “jogar conversa fora”, enfim, falava demais. Gilsinho acabou sendo investigado e preso, mas a polícia não conseguiu identificar Bernardo, que sumiu por alguns meses e depois voltou, sem poder movimentar como antes.

Deve-se evitar falar sobre drogas ao telefone, mas ainda assim eles continuam a fazê-lo, pois é quase impraticável “movimentar” sem o uso do celular. Algumas das medidas empregadas para reduzir o risco proporcionado por esse meio de comunicação é: ligar de telefones públicos; trocar sempre de número; usar celulares “cabritos” (ilegalmente habilitados); falar em códigos que, mesmo que identificáveis pela polícia, não sirvam como prova em julgamento; não mencionar o seu local de moradia; evitar entrar em maiores detalhes sobre as transações efetuadas.

Certa ocasião, Cadú reclamou de Bernardo:

“Bernardo tá maluco, mesmo... Qual foi?! Ele me liga e pergunta a que horas eu vou viajar e eu respondo NOVE DA MANHÃ. Eu tô indo pegar um avião, cheio de parada, e ele me pergunta pelo TELEFONE a que horas eu viajo? (Cadú viajaria naquela noite para um festival de música eletrônica na Bahia)

João vive reclamando dos seus clientes:

“Não adianta falar com os caras que eles não têm noção. Eu peço pra parar de jogar conversa fora no telefone, mas aí eles ligam perguntando se eu tô com aquelas camisas, aqueles CDs, quadros, plantinhas, metros... não adianta que já tá tudo manjado. Mas ninguém tá nem aí não, quando não é o deles que tá na reta. Eu ainda ando ouvindo um chiado esquisito no meu telefone. Vou até mudar de novo.”

Desde que quatorze traficantes de classe média foram indiciados e presos a partir de uma investigação que teve origem na comercialização de drogas usando o Orkut como meio de comunicação, não se ousa mais “explicar-se” dessa maneira. O Orkut é de acesso público e, portanto, não pode revelar sobre as transações clandestinas de um traficante de drogas preocupado em encobrir suas atividades. Tal exposição só é plausível em se tratando de amadores alheios ao perigo real que o envolvimento nesse mercado ilegal proporciona. Para tratar sobre drogas pelo Orkut, é preciso falar em códigos muito discretos.

Perguntei a João se ele estava saindo com Carla, ex-namorada de seu amigo, pois em seu Orkut havia uma mensagem (*scrap*) dela, perguntando se “aquela pulseira” ainda estava na casa dele. João esclareceu que Carla só queria saber se ele estava “com planta”⁸:

⁸ Maconha.

“Assim é que tem que ser. Fica parecendo que tá rolando alguma coisa entre a gente, mas é melhor do que o Igor, que outro dia me mandou um scrap, numa sexta-feira, dizendo para eu não sair sem que ele antes passasse lá em casa. Isso é muita explanação.”

É mais comum que se utilize o MSN para negociar drogas, marcar encontros e cobrar dívidas, pois este é um meio de comunicação de uso privado e mais seguro do que o celular. Ainda assim, evita-se usar palavras-chave comprometedoras, conversando inclusive através de metáforas como “quando é que você vai dar comida para os ratos?” (quando vai me pagar?). Outro veículo usado são os e-mails, normalmente “fake” (falsos), através dos quais eles se comunicam da maneira mais segura depois do face a face.

O local de moradia do traficante costuma ser preservado. Apenas amigos ou pessoas com referências confiáveis devem freqüentá-lo e é comum vê-los reclamar quando seus amigos trazem um estranho em sua casa. Mesmo que se realizem trocas comerciais com pessoas pouco conhecidas, marca-se um encontro na rua quando não há confiança o bastante para um ir à casa do outro. Na mesma ocasião narrada anteriormente, em que Cadú reclamava de Bernardo, ele prosseguiu:

“Acho que ele passou um tempo sem movimentar as paradas e esqueceu como as coisas são. Outro dia ele não me aparece na minha casa com a Diana?! Se ele confia nela, o problema é dele, agora eu é que não quero que essa mulher saiba onde eu moro. Se amanhã ou depois me acontece alguma coisa, é com ele que eu vou acertar e não vou ter dúvida de que foi ela.”

(Diana era namorada de Bernardo há três anos e tinha uma péssima reputação, pois era usuária de cocaína desde nova e começou a sair com Bernardo quando ele estava se viciando em pedra (cocaína “virada” em pedra, através de um processo caseiro). Os dois mantinham uma relação bastante conturbada. Diana dava crises de ciúme na frente de todos os amigos, que já não tinham por ela qualquer respeito, ameaçava delatar Bernardo a cada vez que ele terminava com ela e dava escândalos na porta de sua casa, gritando que ele era um TRAFICANTE. Certa vez, após ela dizer que estava indo para a polícia contar tudo, Bernardo saiu de casa e, de fato, no dia seguinte, sua irmã avisou que a Polícia Civil tinha aparecido atrás dele. Ele teve que se mudar para um quarto alugado em casa de família, mas logo Diana o convenceu de que tudo havia sido uma coincidência e eles voltaram)

A presença de Diana na casa de Cadú só não foi tolerada por ela possuir péssimas referências no que diz respeito à segurança de um traficante, pois normalmente as namoradas são acompanhantes que não representam qualquer perigo e inclusive colaboram como uma espécie de “disfarce” no transporte de drogas. Ainda assim essa situação revela certo cuidado que eles têm em selecionar quem deve freqüentar a sua casa.

Depois que a mãe de Bernardo foi morar em um apartamento e deixou sua casa para ele e sua irmã morarem sozinhos até que esta fosse vendida, a casa passou a ser freqüentada por todos os seus amigos que passavam o dia fumando maconha e viravam muitas noites cheirando cocaína e fumando pedra. Bernardo acomodou-se em marcar com seus clientes em sua própria casa e, durante algum tempo, guardou seus “flagrantes” lá mesmo, até que passou a “fechar com” Gilsinho que os guardava em sua casa, que era menos “explanada”.

João comentou sobre o incômodo proporcionado pela desconsideração de seus clientes com a preservação do seu local de residência.

“Eu estou tentando vetar a galera de vir aqui, e tem uns que eu até já mando a minha mãe dizer que eu não estou, mas também não dá pra marcar sempre na rua e nem ficar indo na casa de um por um. Só que também é foda ficar explanando a base. Outro dia veio o Flavinho e um amigo dele aqui pegar uns doces, depois ele se entregou, me contando que passou uma viatura bem na hora em que ele tava contando os doces, saindo da minha casa. Era melhor que ele contasse na minha frente. Mas os caras pensam o que? Acham que tão saindo da boca? Numa dessa eu é que acabo rodando.”

Procura-se trazer em casa apenas os amigos mais próximos, mas a comodidade de efetuar transações comerciais sem precisar sair, acaba por proporcionar o “entra e sai” característico às casas desses traficantes. Já houve casos de prisões por denúncias feitas pelos vizinhos, e, recentemente, o pai de um traficante denunciou o próprio filho à polícia, originando uma investigação que abarcou outros associados. É possível observar a forte presença de um discurso sobre a preservação do local de moradia, mas, diversas vezes, isso deixa de ser levado em consideração.

IV.OS AMIGOS

Os traficantes de drogas contam com a cumplicidade de uma rede de pessoas cientes do seu envolvimento com atividades ilícitas a qual foge ao seu controle. Mesmo que se esforcem para não cair em muita evidência, o próprio polêmico ofício do comércio ilegal de drogas, por si só, já os coloca em posição de destaque e suscetíveis às fofocas que se espalham a seu respeito. Eles costumam ser “populares”, pois parte do sucesso profissional de um traficante consiste de ele conhecer pessoas pertencentes a diferentes grupos e estilos de vida, “fazendo a ponte” entre elas. Essa função mediadora o expõe ao conhecimento de mais pessoas do que ele mesmo conhece.

Na descrição da “cena carioca” estudada por Eugênio, redes de sociabilidade conectam diversos círculos de amizade intercambiáveis a partir de relações associativas baseadas em critérios de “escolha” e “afinidade” e nos quais mantêm-se alguns “inseparáveis”. Configura-se, portanto, um universo no qual “todos se conhecem, mesmo os que não se conhecem” (Eugênio, 2006). As redes do tráfico com as quais entrei em contato ao longo da pesquisa não compõem uma “cena”, porém atravessam diversas delas com um conteúdo (*content*) (Mitchel, 1969) comum, que é o paralelo entre a amizade e a negociação das drogas.

Os traficantes acabam por protagonizar várias cenas em ocasiões específicas e esporádicas sem bem se dar conta. Não são raras as vezes em que ouvem “Ah... então você que é o fulano?!” e constataam que, mesmo tomando as devidas precauções, estão com o “nome na pista”. Além dessa vastidão de conhecidos e desconhecidos a par de suas vidas, o traficante precisa lidar com os amigos, nem tão amigos, com os quais convive e que inspiram algum receio, por possuírem um pouco mais de informação a seu respeito. Isso contribui para que o traficante opte por uma postura diplomática com os demais, visando a manutenção da boa disposição alheia a seu respeito, o que se evidencia no discurso de Luís Antônio:

“Tô fora de ficar mexendo com essas paradas, botando dez metros dentro de casa... Pra ainda ficar um monte de gente de interesse do meu lado. Não quero isso pra mim não. Quando tu tá com as paradas, aí que nego cola do teu lado.”

Ao que comentei:

“Ah, mas deve dar pra movimentar, só que se mantendo na sua, sem deixar os outros ficarem te sufocando o tempo todo, não dá?”

E Luís Antônio respondeu:

“O pior é que não. Você nunca pode deixar os outros pensarem que você tá cheio de marra, por que aí, nego te dá (delata). Pior ainda é que se você bota as paradas pra todo mundo, vão dizer que você tá ostentando, tirando onda com outros e se não bota nada pra ninguém, vão dizer que você tá enrustindo, cheio de marra, não tá fortalecendo ninguém... Assim é foda.”

É certo que nem todos se preocupam com isso e, ainda assim, são muito raros os casos de delação partindo de jovens que integram as redes de sociabilidade na qual está inserido o traficante. No entanto, para quem manipula uma clandestinidade publicamente divulgada, todo o cuidado é pouco. O tráfico de drogas articula dinheiro, status e interesses, de modo que os atores envolvidos encontram-se assombrados pela ganância que tudo isso gera em si mesmos e no seu entorno. A censura à perseguição desmedida do lucro é uma estratégia de neutralização em face à realidade dessa ambição. Tendo em vista que os traficantes dependem da colaboração de seus pares e de um pacto implícito de sigilo que mantêm com uma rede de indivíduos que foge ao seu controle, por mais desejável que seja a ostentação e a ascensão na hierarquia de status desse mercado, é de comum acordo que não se pode incomodar aos

outros, chamando atenção demais para si. Entretanto, essas recomendações são por vezes esquecidas, o que acaba validando algumas crenças como a que diz respeito a “crescer o olho”:

Conversando com Cadú em um forró na Barra da tijuca, ele lamentou a prisão de um amigo, que também conheço, e eu ressalttei que era preciso “ficar ligado”. Em resposta ao meu comentário, Cadú discursou:

“Acho que eu tô aí até hoje por que eu nunca cresci o olho. Eu sempre levei uma vida simples e é isso aí. Gosto de viver bem, mas nunca quis ter demais. Eu nunca cresci o olho. Eu faço as paradas é pra levar uma vida tranqüila. Se for pra ficar que nem todas as pessoas da sociedade, cheio de ambição, aí é melhor trabalhar, correr atrás que nem eles.”

“Crescer o olho” aparece associado à cobiça, entretanto, adquire uma aplicabilidade mais ampla do que a sua expressão de origem, “olho grande”, pois é uma atitude que parte do próprio indivíduo e que deve ser evitada. Também se fala muito sobre os outros “crescerem o olho” no que é seu, mas o que há de particular nessa apropriação desse imaginário popular é a crença de que permitir-se “crescer o olho” atrai problemas para si.

João falou que vinha vendendo LSD a R\$20,00 a unidade no varejo e eu perguntei por que não mais a R\$30,00, como se costumava cobrar. Ele respondeu:

“Por que aí os outros ficam achando que eu estou crescendo o olho e isso acaba atraindo muita inveja”

CONCLUSÃO

Em sua etnografia de uma comunidade de traficantes de drogas (cocaína e maconha) de classe alta, realizada na década de 1970, na Califórnia, Adler (1993), dedicou um capítulo à compreensão do sucesso e do fracasso nas suas carreiras, cuja distinção se fazia reconhecível numa dimensão estrutural no mundo das drogas, baseada no posicionamento dos traficantes (*dealers and smugglers*) em uma hierarquia de prestígio. O reconhecimento e o respeito desfrutados por um traficante se baseavam na sua reputação entre seus pares, a qual se fundamentava no conhecimento de histórias e performances passadas. A autora destacou alguns critérios para essa estratificação e os classificou como caráter, perspicácia para os negócios e habilidade para livrar-se de problemas legais. Todos eles se fundamentam em características individuais dos integrantes.

Sobre o último critério enunciado, a autora explica que o posicionamento de um traficante no continuum de prestígio correspondia ao grau de sucesso e fracasso e que os mais

eficazes em *evitar problemas com a lei*, perdiam menos dinheiro e drogas e sofriam menos interrupções do seu fluxo de compra e venda, tornando-se parceiros comerciais mais desejáveis. Para isso, recomendava-se manter a discrição, traficar longe de casa, manter um negócio legal como fachada e transacionar apenas com indivíduos com referências garantidas. A prisão representava uma brusca transformação de status: um passo para o fracasso.

Entre os traficantes que estudei, os cuidados empregados também influenciam o seu posicionamento na hierarquia de status desse mercado e, na contramão, são intensificados, à medida da ascensão na pirâmide dos fluxos comerciais. Se a discrição favorece a boa reputação de um traficante, o incremento no volume de mercadorias movimentadas por um indivíduo obriga-o a selecionar com mais rigor um número cada vez mais restrito de parceiros comerciais, limitando progressivamente as suas práticas ao atacado.

No “tráfico da pista”, a capacidade de evitar problemas com a lei é o que possibilita ao traficante, manter-se inserido nas redes de comercialização de drogas. A recusa ao uso de armas e à adesão às práticas violentas impõe que se busquem estratégias normalizadas de preservar a clandestinidade de suas atividades ilegais. Não havendo a alternativa de inibir a delação por um potencial coercitivo e nem tão pouco de confrontar as agências de controle do Estado, resta ao traficante, a necessidade de encobrir a sua identidade criminosa, revelando-a apenas no interior de uma rede de pessoas consideradas confiáveis que, no entanto, foge ao seu controle.

Apesar da preocupação em restringir tais redes, o ofício do comércio ilegal de drogas demanda por uma certa ampliação das redes de contato para a compra e a venda dessas mercadorias, comprometendo a discrição almejada pelo traficante e o suscetibilizando à boa disposição alheia em não denunciá-lo às autoridades legais. Diversas medidas são empregadas no sentido de minimizar os riscos implicados no engajamento em tais práticas ilícitas, no entanto, o perigo de ser descoberto pela polícia não pode ser anulado. Por mais que evitem “explicar-se”, isto é, chamar a atenção para si, a sua segurança depende de um pacto implícito de sigilo, mantido com diversas pessoas que acabam tomando conhecimento do seu envolvimento com o tráfico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, Patricia A., *Wheeling and Dealing _ An ethnography of an upper-level drug dealing and smuggling community*, Columbia University Press, New York, 1993.

BECKER, Howard S., *Outsiders _ Studies in the Sociology of Deviance*, The Free Press, New York, 1991.

COUTINHO, Thiago, *O êxtasy urbano: Símbolos e performances dos festivais de música eletrônica*, dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

EUGÊNIO, Fernanda, *Hedonismo Competente – Antropologia de Urbanos Afetos*, Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

GOFFMAN, Erving, *Estigma _ notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, LTC Editora, São Paulo, 1988.

GRILLO, Carolina Christoph, *Fazendo o Doze na pista: Um estudo de caso do mercado ilegal de drogas na classe média*, dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

MISSE, Michel, Malandros, *Marginais e Vagabundos & a acumulação social da violência no Rio de Janeiro*, tese de doutorado apresentada ao IUPERJ, Rio de Janeiro, 1999.

MITCHELL, J. Clyde, *The concept and use of social networks* In: *Social Networks in Urban Situations*, Manchester University Press, Londres, 1969.

VELHO, Gilberto, *Nobres e anjos _ Um estudo de tóxicos e hierarquia*, Editora FGV, Rio de Janeiro, 1998.